

# A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

Maria da Guia Oliveira Silva<sup>1</sup>  
Alessandra Vitoria de Lucena Dantas<sup>2</sup>  
Erivaneide Dantas dos Santos<sup>3</sup>

## RESUMO

Entre as temáticas no âmbito dos Direitos Humanos que a sociedade brasileira coloca em discussão, em especial nas últimas décadas, estão as questões relacionadas à orientação sexual e à identidade de gênero. Este debate é urgente e necessário. A escola é um espaço onde a sexualidade se manifesta, e mais, onde se produzem comportamentos, onde se instigam ou superam preconceitos, onde se difundem conhecimentos e valores e, como parte de seu papel formativo, tem a responsabilidade de superar os preconceitos e a defesa irrestrita dos direitos humanos. Diante do anseio de construirmos uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, livres de preconceitos e discriminação, é necessário identificar e enfrentar as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos. Imaginar a sexualidade e sua prática desvinculada de normas sociais é como se sentir alienígena no planeta Terra. Para que isso não venha a acontecer, provocando conflitos desnecessários, é importante dialogar com os adolescentes, lembrando que os comportamentos sexuais ocorrem dentro de um contexto social. Se os parâmetros sociais são rígidos, conservadores, discriminatórios ou não, importa discuti-los, lembrando que a diversidade de culturas, crenças, valores e experiências de vida levam as pessoas a expressarem sua sexualidade de forma diferenciada.

**Palavras-chave:** Educação sexual, Sexualidade, Escola

---

<sup>1</sup> Professora da rede municipal de ensino de Picuí-PB – [guivi1973@gmail.com](mailto:guivi1973@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora da rede municipal de ensino de Picuí-PB - [alessandraemef@hotmail.com](mailto:alessandraemef@hotmail.com);

<sup>3</sup> Professora da rede municipal de ensino de Picuí-PB - [erivaneidedantas889@gmail.com](mailto:erivaneidedantas889@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história, muitos têm preferido considerar a juventude como o período final da adolescência, quando há desempenho de papéis definidos pela sociedade como de adulto, tais como a assunção de atividades produtivas. Outros, entretanto, usam indistintamente o termo juventude e adolescência para esta fase do desenvolvimento que se inicia com a puberdade e culmina com a entrada no mundo adulto. Nesse sentido a sexualidade faz parte da vida, e do seu equilíbrio depende a estabilidade emocional do jovem/adolescente.

Em nosso país, depois do enorme progresso nos meios de comunicação, as influências dos diferentes povos ocidentais têm ocasionado certa mudança nos costumes até então vigentes, conseqüentemente, uma situação conflituosa para os jovens que de um lado, tendem a copiar os hábitos adotados em outros países, de outro, sentem-se constrangidos pelas suas tradições culturais e familiares que impedem, com uma verdadeira liberdade interna, de escolher os rumos de sua sexualidade.

A sexualidade deve ser construída, pois ela é parte integrante do desenvolvimento da personalidade do indivíduo. É necessário ter consciência dessa realidade e não se pode igualar essa tão grande dimensão do ser humano.

Sabe-se que a educação sexual deve começar no lar, antes mesmo que a criança ingresse na escola, deve ser continuada através dos conhecimentos adquiridos com os programas de ensino e, conseqüentemente, precisa ser aprimorada na adolescência, na juventude, na idade adulta, pois a educação sexual se tornou hoje, com a evolução das Dst's e outras doenças relacionadas, necessária ao indivíduo.

O tratamento dado a abordagem do tema sexualidade deve convergir para o favorecimento da construção, por parte do aluno, de um ponto de auto-referência, a partir do qual poderá desenvolver atitudes coerentes com os valores que elege para si. Há que se considerar, também, a impossibilidade, mesmo para adultos, das verdades absolutas e imutáveis, pois, enquanto componente da subjetividade, a sexualidade se constrói e se modifica ao longo de toda a vida e, portanto, os valores a ela associados podem ser transitórios.

Os tabus sexuais são aspectos da sexualidade que a sociedade "não autoriza", ainda não "admite", que de certa forma, "não concorda". Alguns exemplos: o envolvimento afetivo e sexual entre pessoas do mesmo sexo (homossexualidade), a masturbação, a iniciação sexual da mulher antes do casamento, entre outros. O professor deverá mediar e provocar mudanças nesta

área do conhecimento, ainda que estas modificações pareçam pequenas, mas certamente terão importância em um contexto futuro.

A escola é um espaço social marcado por diversidade e, cada vez mais, tem chamado para si a responsabilidade de construir cidadania, criando alternativa de transmissão de conhecimento, informação e orientação. É por estes fatores que este projeto visa desenvolver um trabalho educativo de orientação sexual nas relações interpessoais para adolescentes e jovens.

## **SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO**

Considera-se que ainda hoje no Brasil a sexualidade humana é um dos campos das ciências humanas menos estudadas, em virtude dos mitos, tabus e tradições que envolvem o referido tema (Azevedo, 2001).

Situar o sexo e a sexualidade considerando-o como um aspecto natural e positivo da vida humana, enfatiza-se a conexão entre a sexualidade, o desenvolvimento pessoal, relações interpessoais e estrutura social; situar a sexualidade dentro do contexto social, proporciona uma visão histórica e cultural.

Por sexo entende-se as estruturas diferenciais que se estabelecem em masculino ou feminino. Portanto, não se pode falar de sexo como sinônimo de pênis e vagina, tampouco como pornografia, muito menos como expressão de erotismo, coisa proibida, tabu, grosseria ou excitação.

O sexo é uma realidade que deflui através de processo em que distintos elementos, em distintos níveis, envolvem-se progressivamente, sexualizando um indivíduo, ou seja, fazendo sexuado. Esse processo se inicia no momento da concepção e dura anos.

De acordo com Ferreira (2001):

Sexo (es) sin.1. O conjunto das características que distinguem os seres vivos, com relação a sua função reprodutora; 2. Qualquer das duas categorias, macho ou fêmea, na qual eles se classificam; 3. O conjunto dos que são do mesmo sexo. 4. sexualidade, volúpia; 5. Os órgãos genitais externos. (FERREIRA, 2001)

A sexualidade é o modo próprio como cada pessoa vive o fato de ser sexuado em masculino ou feminino. A sexualidade é uma categoria subjetiva, muito distante de órgãos ou funções biológicas.

Nesta perspectiva, Azevedo (op. cit), define: sf. 1. condição de sexual; 2. sexualidade; sexo. A sexualidade faz parte da vida e do seu equilíbrio depende a estabilidade emocional do indivíduo. Entre os seres humanos, a sexualidade não diz respeito apenas às funções de reprodução, ela inclui necessariamente o amor e o prazer.

Segundo Suplicy (1990), quando falamos em sexo, nos referimos a algo que vai além de ser homem ou mulher, isto é, ao ato sexual e o termo sexualidade envolveriam os sentimentos, desejos, um olhar, o jeito de ser. Desse modo entende-se que o sexo está além das diferenças que distinguem o homem da mulher, enquanto que a sexualidade envolve os desejos, necessidades, que são próprias de cada pessoa, portanto, são variadas atitudes que podem demonstrar a sexualidade.

Neste contexto Meira (2002), define sexualidade de forma bem ampla:

O sexo genético, através dos cromossomos (xy) e (xx) e a genitália formada de pênis e testículos não são os únicos fatores que encerram o termo sexualidade humana e sim, a forma própria de cada pessoa, sua meiguice, impulsos sexuais, maneiras de se vestir, desejos, fantasias, etc... caracterizam o que se chama de sexualidade. (MEIRA, 2002).

Portanto, todos possuem sua própria sexualidade, apesar de que este é um termo amplo, complexo e difícil de definir.

O Conselho Nacional de Educação através da resolução 02/98, instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, homologada em 30 de março de 1998. Neste documento legitima-se a sexualidade como um aspecto de cidadania junto à saúde, à vida familiar e social, ao meio ambiente, ao trabalho, a ciência e tecnologia e a cultura.

Já em 1977, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) reconhece a importância da temática da sexualidade, incluindo a orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), como um dos temas transversais junto à ética, trabalho e consumo, meio ambiente, pluralidade cultural e saúde (Brasil, 2001).

Durante a tramitação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): por pressão de alguns parlamentares, que ameaçavam fazer uma manobra para que o documento precisasse passar pela aprovação do Congresso Nacional, a equipe que trabalhava na elaboração dela optou

por retirar todas as menções explícitas a questões de gênero e sexualidade. Na resolução do Conselho Nacional de Educação (CNE) que aprovou a BNCC em dezembro de 2017, há a promessa de que esses temas serão tratados em outro documento, mas não se fala sobre ele desde então. O motivo, segundo fontes do próprio CNE: sabe-se que o novo governo se opõe ao tema e todas as decisões do órgão precisam ser homologadas pelo Ministério da Educação (MEC). Ou seja, não há esperança de que algo seja concretizado em um futuro próximo.

O trabalho de orientação sexual deverá, portanto, ocorrer de duas formas: dentro da programação da escola, por meio de conteúdos, já transversalizados nas diferentes áreas do conhecimento e extra-programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. (Brasil, op. cit).

Segundo Jesus (2000), a escola é um espaço social de significações para onde o adolescente pode levar suas experiências de vida, suas curiosidades, fantasias, dúvidas e inquietações sobre sexualidade.

Verifica-se, porém, que um dos maiores desafios enfrentados pelos educadores é a tarefa de bem ensinar, considerando que o mundo atual se caracteriza pelas transformações rápidas e profundas, seja quanto aos avanços científicos/tecnológicos, ou às mudanças em relação aos valores sociais e morais. Na realidade, educa-se, hoje, crianças e jovens que irão viver a maior parte de suas vidas em um mundo que é desconhecido. Cabe, então, aos professores, uma reflexão permanente e ousada no sentido de encontrar os melhores caminhos para que eles desenvolvam novas formas de cidadania capazes de criar uma sociedade mais democrática e justa para todas as pessoas.

Sabe-se que a educação sexual deve começar no lar, antes mesmo que a criança ingresse na escola. Deve ser continuada através dos conhecimentos adquiridos com os programas de ensino e precisa ser aprimorada na adolescência. O que se observa na realidade é que na maioria das famílias a preocupação com a sexualidade surge quando a criança está chegando ou já tingiu a puberdade.

A sexualidade sempre aparece atrelada na sua origem à repressão, à interdição, firmada desde o momento da passagem do sexo natural para o sexo cultural, simbolizado e sujeitável. Esta também está presente em todos os momentos e em todos os lugares do mundo, já que esta é uma construção social e histórica.

Ao longo da história do pensamento, teóricos têm se preocupado, dentro de diferentes áreas do conhecimento, em esclarecer a relação entre o sexo e a aprendizagem. Já o mecanismo da aprendizagem envolve o que “ensina” e o que “aprende”, criando assim um veículo que mostra também um processo dialético. Dessa forma, a descoberta da sexualidade

na escola vai se descortinando perante os olhos do aprendiz e, mais ainda, do educador, à medida que o aluno aprende os nomes para os seus atos, enquanto o professor, através das experiências ouvidas, formula imagens de como vem ser o cotidiano sexual dos seus educandos.

As escolas procuram inserir a orientação sexual nos currículos e no cotidiano dos seus alunos, mas o tema ainda se encontra rodeado de muitos tabus, porque muitas vezes, essas informações vão de encontro à formação dos próprios educandos enquanto indivíduos.

Falar de sexualidade na escola exige alguns cuidados diferentes de se abordar qualquer outro conteúdo. Isto porque é uma temática que se relaciona com a intimidade e os valores de cada um. Enquanto espaço público a escola não deve, ao tratar deste tema, expor a intimidade de nenhum dos envolvidos, sejam eles os alunos ou o educador. Pode-se abordar diferentes temáticas de forma a auxiliar o aluno a refletir sobre essas questões e transportar para sua vida pessoal o resultado das aprendizagens realizadas no coletivo da escola. Isto é possível quando o educador conduz as discussões de forma a não personalizar os acontecimentos ou criando personagens fictícios que o auxiliem nas tarefas didáticas.

## **METODOLOGIA**

Com o intuito de atingir os objetivos anteriormente citados, este projeto de pesquisa trata-se de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa e quantitativa, na qual a coleta de dados ocorrerá mediante a uma entrevista estruturada em um roteiro com perguntas que venham satisfazer e analisar a verificação do nível de conhecimento dos alunos.

O projeto sobre Educação Sexual na Escola será desenvolvido em uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Picuí - PB, utilizando método de ensino socializado, através de várias técnicas (leitura de textos, discussões, atividades) e dinâmicas de interação social e educativa, visando à troca de ideias entre os alunos com o objetivo de destacar a necessidade da Educação Sexual na Escola, podendo evitar conflitos, constrangimentos e angústias referente a essas questões.

Será aplicado um questionário no início da implementação do projeto, com perguntas objetivando identificar desigualdade entre as relações de gênero socialmente construídas, para averiguação de conhecimentos adquiridos.

Os dados serão analisados de forma quantitativa e qualitativa, utilizando-se da triangulação, que segundo Sato (1997) e Thiollent (1998) consiste em quantificar e descrever os dados obtidos.

Em relação à triangulação, parte-se da premissa de que os dados quantitativos não se opõem aos qualitativos, mas, se completam.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da observação das metodologias e atividades propostas, pode-se observar a utilização de atividades interativas e motivadoras através da utilização de plataformas digitais a exemplo de: Kahoot, Wordwall, Quizzlet, Google Forms e Canva. Através da utilização dessas plataformas será possível trabalhar a educação sexual de forma lúdica e prazerosa.

O trabalho com as TICs, tecnologias da informação e comunicação tornou-se fundamental e essencial para o “novo ensino”. As TICs representam todos os recursos de tecnologia para processamento de informações, incluindo softwares, hardwares, tecnologias de comunicação e serviço. Levy (1994) apresenta:

É preciso pensar em equipamentos de comunicação que, ao invés de fazer uma difusão como a mídia tradicional (difusão de uma mensagem por toda parte), faz com que esses dispositivos estejam à escuta e restituam toda a diversidade do presente no social. Uma outra coisa que é possível explorar é o fato de que estes equipamentos favorecem a emergência da autonomia, tanto de indivíduos quanto de grupos, onde o inimigo é a dependência. (LEVY,1994 p. 32)

A gamificação do ensino, chegou para ficar como uma das metodologias mais produtivas para as práticas pedagógicas, resultando em um ensino interativo e motivador.

## **CONCLUSÃO**

Criar espaço para a Educação Sexual na escola é muito mais que falar de diferenças anatômicas, discutir a gravidez na adolescência, as doenças sexualmente transmissíveis e a AIDS. Práticas e tabus sexuais são construções humanas inscritas na história e na cultura. Assim, pensar a sexualidade consiste no desafio de extrair sentido das ações, enfrentar dilemas,

explorar ambiguidades, definir fronteiras. É nessa perspectiva que a sexualidade se coloca como tema e desafio para a educação. Não se trata de estabelecer padrões de comportamento ou de incluir mais uma disciplina no currículo. A educação sexual diz respeito à reflexão sobre as relações humanas na sociedade.

Diante disso, torna-se necessário o desenvolvimento de ações que contribuam para a construção de uma concepção saudável da sexualidade dos jovens. Essas ações devem envolver tanto o ambiente escolar como o familiar propiciando assim, condições para que os adolescentes vivenciem sua sexualidade com mais preparo e segurança eliminando os mitos formados no contexto familiar e social.

Ao propor um estudo sobre a sexualidade de forma alguma este trabalho serve de incitação às práticas sexuais. Não propõe nem a repressão nem o sexo desenfreado. Não se justifica por promover estímulos aos atos sexuais e manifestá-los a qualquer custo, mas sim pela necessidade de desenvolver um conhecimento sobre a sexualidade que releve o contexto social, a realidade do aluno e, agora, em consciência crítica sobre o meio ambiente em que vive. A importância, mediante tantas estatísticas e fatos cotidianos, de saber sobre sexualidade, de desmistificar o sexo, de derrubar tabus, de falar dele como algo presente, necessário e real em todas as esferas da sociedade, é a principal justificativa desse projeto.

Imaginar a sexualidade e sua prática desvinculada de normas sociais é como se sentir alienígena no planeta Terra. Para que isso não venha a acontecer, provocando conflitos desnecessários, é importante dialogar com os adolescentes, lembrando que os comportamentos sexuais ocorrem dentro de um contexto social. Se os parâmetros sociais são rígidos, conservadores, discriminatórios ou não, importa discuti-los, lembrando que a diversidade de culturas, crenças, valores e experiências de vida levam as pessoas a expressarem sua sexualidade de forma diferenciada.

Pode-se assim concluir que a educação sexual é um desafio e que para isto deve haver envolvimento, conhecimento, ética e espontaneidade. E que o educador deve ter claro os valores fundamentais de respeito, amor e saúde. Deve ser acolhedor; saber ouvir; ambientar os questionamentos, ou seja, se certificar qual é o questionamento para não subestimar nem superestimar a criança ou o adolescente; ser neutro quanto a seus próprios valores, para não desconsiderar nem desrespeitar o outro e trabalhar a própria sexualidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

AZEVEDO, José Francisco (org.) **Aprendizagem mediada dentro e fora da sala de aula**. São Paulo. Senac/ Instituto Pieron. 2001.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 30 set. 2020.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais, Ética**. Brasília: MEC/SEF. 1997 (volume 8).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 2001.

FREUD, S. **Três ensaios para a teoria sexual**. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro, GRALL, 1990.

JESUS, M. C. P. **A educação sexual e compreensão da sexualidade**. In: Projeto Acolher. Ministério da Saúde. 2000.

LÉVY, P. **A Emergência do Cyberspace e as mutações culturais**. Porto Alegre: Festival Usina de Arte e Cultura, 1994. Disponível em: <http://www.caosmose.net/pierrelevy/aemergen.html> Acesso em: 31 de agosto.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. 3. ed. rev. amp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MEIRA, Luiz B. **Sexo: Aquilo que os pais não falaram para os filhos**. 7ª Ed.. João Pessoa: Autor Associado, 2002.

NUNES, C. **A Educação sexual das crianças: subsídios teóricos e propostas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas – SP. Autores associados, 2000.

PIAGET, J. A. **A Linguagem e o pensamento na criança**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.

RIZZA, J. L.; RIBEIRO, P. R. C.; MOTA, M. R. A. **A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 44, p. 1-18, 2018.

SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes**. São Paulo: FTD, 1990.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia de Pesquisa Ação**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 69, 2017.